

**COMISSÃO EXTERNA DESTINADA A ACOMPANHAR AS AÇÕES
REFERENTES À EPIDEMIA DE ZIKA VÍRUS E À MICROCEFALIA -
CEXZIKA**

REQUERIMENTO Nº , de 2016

Requer a realização de reunião de audiência pública para discutir a utilização de mosquitos transgênicos (OX513A) e mosquitos modificados por radiação, no combate ao Aedes aegypti.

Senhor Presidente,

Requeiro a V. Ex^a, nos termos do art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização de reunião de audiência pública para discutir a utilização de mosquitos geneticamente modificados (OX513A), desenvolvidos pela empresa britânica Oxitec, e de mosquitos modificados por radiação, conforme pesquisa desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no combate ao mosquito *Aedes aegypti*.

Sugiro que sejam convidadas, na oportunidade, as seguintes autoridades e especialistas:

- Representante da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio);
- Representante da Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA);
- Senhor Glen Slade, diretor da Oxitec no Brasil;
- Representante da Prefeitura de Piracicaba (SP);
- Senhora Alice Varjal, pesquisadora da Fiocruz;
- Senhora Edvane Borges, professora e pesquisadora do Departamento de Energia Nuclear da UFPE;

- Representante da Organização Mundial de Saúde (OMS) no Brasil;
- Representante da sociedade civil organizada;
- Diretor do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha.

JUSTIFICATIVA

A empresa britânica Oxitec anunciou, em meados de janeiro de 2016, conforme informação disponibilizada no Portal G1, que seu mosquito geneticamente modificado conseguiu reduzir em 82% a quantidade de larvas do mosquito *Aedes aegypti* de um bairro do município de Piracicaba (SP).

Conforme a reportagem, a cidade vive um de seus maiores surtos de dengue, mas no bairro de Cecap/Eldorado, em 2015, foram registrados apenas nove casos de dengue após o uso do mosquito modificado, contra 124 notificações antes da ação. O mosquito produzido pela empresa, com o nome comercial de “Aedes do bem”, possui uma alteração genética que torna sua prole estéril. O macho de DNA alterado, quando liberado, busca uma fêmea para fecundá-la e produz um ovo infértil, barrando a oportunidade de machos selvagens se reproduzirem.

Testes iniciados em 2011 na cidade de Juazeiro, na Bahia, mostraram redução acima de 80% na população selvagem do mosquito. Alguns experimentos apontaram resultados de 93% de redução do *Aedes aegypti* que vive na natureza.

Por outro lado, um estudo iniciado em 2013, desenvolvido por pesquisadores da Fiocruz e da Universidade Federal de Pernambuco, com a utilização de raios gama (um tipo de radiação eletromagnética capaz de alterar organismos), objetiva tornar os mosquitos machos incapazes de se reproduzir.

As pupas – fase precoce de desenvolvimento do mosquito – são irradiadas em larga escala por um equipamento que usa o Cobalto 60 como base. Isso modifica o esperma dos insetos, tornando-os estéreis. Após o acasalamento, há produção de ovos, mas não são geradas novas larvas do inseto. Como o acasalamento ocorre apenas uma vez ao longo da vida da fêmea do *Aedes aegypti*, o cruzamento com os machos modificados impede a reprodução.

Em um comunicado, a OMS disse que seu grupo consultivo recomendou uma maior pesquisa de campo sobre mosquitos geneticamente modificados, na sequência de testes feitos nas ilhas Cayman, onde mosquitos estéreis foram liberados para acasalar com as fêmeas.

À luz de todo o exposto, precisamos conhecer estas tecnologias, voltadas ao combate do *Aedes aegypti*, suas potencialidades, bem como os riscos de sua utilização para o meio ambiente e saúde humana.

À luz do exposto, conclamo os nobres pares para apoiar esta iniciativa.

Sala da Comissão, 16 de fevereiro de 2016.

Deputado **EVAIR DE MELO**

Membro da Comissão Externa